

RODRIGUES, Rafael Penido Vilela. Morte e vaidade: um ensaio acerca da antropologia moral desenvolvida pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763). *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 18, n. 53, p. 191-202, agosto de 2019 ISSN 1676 8965.

DOSSIÊ

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

Morte e vaidade: um ensaio acerca da antropologia moral desenvolvida pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763)

Death and vanity: an essay on moral anthropology developed by the Portuguese-Brazilian philosopher Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763)

Rafael Penido Vilela Rodrigues

Resumo: Neste artigo pretende-se abordar a perspectiva apresentada sobre a morte no interior da antropologia moral desenvolvida no século XVIII pelo filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça, em sua obra mais conhecida, as “*Reflexões sobre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I*”. A proposta é refletir sobre a morte e como a vaidade humana se estabelece diante da finitude da vida, em meio a historicidade humana, agindo em busca do reconhecimento social e da imortalização das memórias individuais. Serão abordados os principais pontos de sua obra, focando especialmente nas representações e esforços empreendidos pelos homens movidos pela vaidade. **Palavras-chave:** vaidade, morte, história, Matias Aires

Abstract: In this article we intend to approach the perspective presented on death within the moral anthropology developed in the eighteenth century by the Portuguese-Brazilian philosopher Matias Aires Ramos da Silva de Eça, in his best known work, “*Reflections on the Vanity of Men : or Moral Discourses on the Effects of Vanity Offered to Our Lord King Joseph I*”. The proposal is to reflect on death and how human vanity is established before the finitude of life, in the midst of human historicity, acting in search of social recognition and immortalization of individual memories. The main points of his work will be addressed, focusing especially in the representations and efforts made by men moved by vanity. **Keywords:** vanity, death, history, Matias Aires

Introdução

Independente da crença, do status social, da hierarquia que se ocupa na empresa, do poder aquisitivo, do posicionamento político, etc., todos nós vamos morrer! Esse, sem dúvida, é o fim natural de todo ser humano. A conhecida máxima do filósofo Martin Heidegger, quando diz que o ser humano é um “ser para a morte”, implica na ideia de que a morte é uma possibilidade de ser que o homem deve sempre assumir por si, pois desde o nascimento já se prevê, logicamente, o fato da morte, concluindo que a morte faz parte da vida e que a carregamos sempre conosco. Heidegger escreveu que o fruto imaturo, por exemplo, encaminha-se para o seu amadurecimento. No amadurecimento, aquilo que ele ainda não é, de modo algum, se oferece como algo que se lhe ajunta, no sentido de algo que ainda não é simplesmente dado (Heidegger, 2005, p. 24).

Certamente alguma reflexão acerca da morte cada um já se fez no silêncio de si. Mesmo que o imediatismo e a velocidade virtual “pós-moderna” tenham transformado a relação entre o eu e a morte – muitas vezes evitando pensá-la cotidianamente em troca de um eterno presente –, não se pode negar que alguma reflexão cada um já se deparou ao longo da caminhada da vida. Cada sujeito, de alguma maneira, encara esse inevitável acontecimento num momento de sua existência; seja quando morre alguém próximo, um familiar, um amigo, um vizinho, ou mesmo com a morte trágica de centenas de pessoas desconhecidas de que se têm notícias pelo telejornal.

Com efeito, aquele que diz que tratar sobre o tema da morte seja algo simples, é porque nunca parou para pensar seriamente sobre o assunto. Inúmeros são os filósofos e pensadores que no decorrer da história se voltaram para o tema da morte. Portanto, aqui neste artigo nos deteremos de modo especial nas *Reflexões* do filósofo luso-brasileiro Matias Aires Ramos da Silva de Eça (1705-1763), que meditou sobre a morte a observando sob do ângulo da vaidade, em sua obra mais conhecida: *Reflexões sobre a Vaidade entre os Homens*, de 1752.

Matias Aires, o fidedigno filósofo luso-brasileiro, é natural de São Paulo, filho de um comerciante português com uma paulista de sobrenome. Seu pai, que embarcou para a Bahia aos 12 anos de idade, fez riquezas na América Portuguesa dos séculos XVII e XVIII, construindo seu prestígio no comércio da Capitania de São Paulo, “atraído naturalmente pelo eco atroador da descoberta das minas, que a todos enlouquecera, que a todos desvairara, na ânsia alucinada da fortuna e da riqueza” (Ennes, 1944, p.12).

Instalado em São Paulo, José Ramos da Silva, o pai do filósofo luso-brasileiro, acumulou bens, até retornar definitivamente para a capital da metrópole, Lisboa, em 1716, quando Matias Aires completava 11 anos de idade. José Ramos da Silva consegue obter em 1721 o hábito de Cristo, comprando no ano seguinte, pela quantia de 200\$000 (duzentos mil réis), o prestigiado e bem remunerado cargo de Provedor da Casa da Moeda, como consta em Carta Régia de 31 de março de 1722, divulgada por Ernesto Ennes (1944, pp. 363-366). Vale dizer que o cargo de Provedor da Casa da Moeda do Império Português no século XVIII era um cargo de alto prestígio e poder simbólico, por tratar-se da administração de todo ouro português quintado que entrava na Europa. Esse cargo foi herdado por Matias Aires, após a morte do pai.

O filósofo luso-brasileiro, portanto, também ocupou um dos mais cobiçados cargos entre a nobreza de Portugal. Ele mantinha contato com a elite portuguesa que ostentava e se beneficiava do ouro extraído das Minas brasileiras no século XVIII. Entre os mais célebres homens ele viveu, entre as mais respeitadas famílias ele circulou, com as melhores roupas se vestiu, nas melhores escolas estudou – dentre elas a Universidade de Coimbra e a Sorbonne em Paris. Matias Aires teve, sem dúvida, uma vida luxuosa e ostensiva, logo ele, que recitou o mundo humano sob o olhar da vaidade e descreveu de forma precisa os enlaces das relações dos homens. Entretanto, Matias Aires morreu misantropo, isto é, com aversão ao ser humano, recolhido em retiro solitário na sua Quinta da Agualva, próximo a Sintra. Nas suas *Reflexões* – como observou o intelectual português Miguel Real – Matias Aires manifesta uma profunda relação entre a existência e a emergência da escrita dos seus livros, mais do que em qualquer outro pensador de sua época. A tematização do sentimento de vaidade em Matias Aires atesta a reflexão em ato, no sentido mais puro da expressão, sobre a sua própria existência (Real, 2008, p.11-12).

A perspectiva de Matias Aires acerca da morte engloba um argumento profundo e interessantíssimo. Ele descreve a representação vaidosa do homem frente à morte, mergulhando nas profundezas do pensamento humano e reconhecendo as vaidades

humanas tentando imortalizar-se, tentando pintar com o ouro da glória o nome e suas memórias, erguendo em faustos as histórias pessoais no pó que um dia resultaram dos mármore e maquiando a podridão no interior dos sepulcros.

No encadeamento desde artigo, portanto, abordaremos a perspectiva de Matias Aires, ressaltando a precariedade radical com que enxerga a vida humana e a efemeridade da existência, dando ênfase a sua percepção da transitoriedade humana no tempo, que a tudo sucumbe.

Na primeira seção, será realizado um movimento lógico, utilizando de forma teórica outros autores, para clarificar de antemão a perspectiva analisada aqui, pensando a imortalidade da alma como desejo de ser lembrado e deixar um legado no mundo.

Na seção seguinte, estando calibrada a ideia pretendida, realizar-se-á uma análise mais precisa acerca da visão do autor acerca da relação entre morte e vaidade, bem como o tocante à escrita da História e o ofício do historiador, como suporte para que a vaidade inspire o desejo de superar a morte.

Na última seção, será refletido acerca da efemeridade da vida diante da morte e do tempo, demonstrando as relações que existem entre a noção subjetiva de tempo e a condição inerente da morte, para dizer enfim que tudo é correr atrás do vento.

A morte do corpo e a “imortalidade da alma”

Para dar entonação ao argumento de Matias Aires, realizaremos nesta seção um movimento lógico que nos ajudará a perceber de forma mais clara o seu posicionamento acerca da relação entre morte e vaidade e a perspectiva abordada neste artigo. Faz-se necessário, para tanto, apresentar uma reflexão fundamental que não envolve diretamente a filosofia do autor, mas que nos fornecerá o campo filosófico que estamos tratando. Para explaná-la de forma elucidativa é possível encontrar o seu ponto basilar em Platão, no diálogo *Fédon*, ao relatar a conversa que Sócrates teve com seus discípulos no leito de morte, antes de beber a cicuta (Platão, 1988, [86a – 92c]). Naquele momento do diálogo o mestre ateniense discursou sobre este assunto tão delicado na filosofia: a morte. Em análise, se percebe que há a construção literária de um valor simbólico muito expressivo, pois o momento da morte de Sócrates torna-se o ponto de parada para que exercitem uma reflexão diacrônica sobre a própria morte. E naquela explicação quase empírica, Sócrates nos chama a atenção para uma questão importantíssima: a relação entre a morte do corpo – sujeito histórico – e a imortalidade da alma – que é interpretada por certos seguimentos filosóficos como a memória que se tem de uma pessoa, seus feitos, suas realizações, seus empreendimentos pessoais, etc. (Cf. Andrade, 1998).

Valer dizer que a imortalidade da alma abordada de tal forma nos é importante, porque, além de estar presente de forma muito específica e semelhante nas *Reflexões* de Matias Aires, não basta apenas que a morte seja um fato inalienável de cada indivíduo, mas o problema está em como as sociedades e os indivíduos lidam com a morte e com o que “resta” dela.

No diálogo supracitado de Platão, os personagens Cebes e Símiás utilizam-se do paradigma da harmonia, para sustentar o argumento sobre a impossibilidade da morte do corpo se afirmar sobre a imortalidade da alma. Símiás usa a metáfora da lira, construindo uma argumentação que sublinha a relação harmônica produzida pelas cordas bem afinadas de uma lira e a boa vida de um homem. A harmonia produzida na afinação, metaforicamente, seria a alma ditada pela busca da sua essência, de seu propósito; e o arco, que permite que as cordas sejam afixadas, associa-se ao corpo, onde a alma tem a exclusiva capacidade de agir. Este argumento propõe ainda que a harmonia

não pode permanecer sem o instrumento que a comporta e da mesma forma seria a alma quando ocorresse a morte do corpo.

Contudo, Platão, na voz de Sócrates, procura explicar logicamente sobre a alma e “utiliza-se, para tanto, da ‘lógica dos contrários’... para explicar, de outro ângulo, o movimento de geração e corrupção, substituindo a apreensão usual do ‘mover-se físico pelo movimento lógico’” (Andrade, 1998, p.134). Deste modo, Platão compreende que a vida se gera como contrária a morte, e a morte se gera contrariando a vida. Este movimento lógico leva ao pressuposto de que a alma não aceitará o contrário dela mesma (a morte do corpo), uma vez que aquilo que dá vida ao corpo é a alma. E sendo a morte o contrário da vida, a alma é contrária à morte, de maneira a se preservar dela, pois a alma seria o princípio natural da vida, portanto é imortal.

Platão ainda refuta o paradigma da harmonia apresentado pelos personagens Cebes e Símiás, visando sustentar o argumento da imortalidade da alma de forma lógica e sem contrapontos. Isso o leva a concluir que a existência e a imortalidade da alma definem-se em si mesmas, diferenciando-se da existência do corpo físico, pois ela, a alma, sempre existiu e não pode depender de nada para que venha a existir, não tendo geração.

Esta argumentação metafísica, de certa forma, fragiliza o paradigma da harmonia, pois a harmonia não pode preexistir ou pós-existir aos elementos que a compõem, sendo dependente das cordas e da madeira da lira para existir, ao passo que para Platão não seria uma boa comparação para a alma. Por quanto, essa metodologia de Platão seria uma forma de firmar seu lugar de filósofo, fazendo ainda da filosofia um exercício de distanciamento da alma em sua relação com o corpo, simbolizando tal exercício com morte (Cf. Andrade, 1998, p.138).

Por fim, “Sócrates bebeu a cicuta e, após os sintomas esperados do veneno, espirrou. É paradoxal essa finalização ‘física’ depois de uma árdua argumentação ‘metafísica’ sobre a alma. Talvez o Fédon, escrito anos após a morte do mestre, tenha sido a verdadeira homenagem do discípulo ao mestre” (Andrade, 1998, p.138). Uma homenagem metafórica que associa a “imortalidade da alma” com a “alma da filosofia socrática”, que está presente na filosofia do próprio discípulo/autor. Ao passo que, apesar da morte do corpo (Sócrates histórico), a alma (filosofia socrática) ainda sobrevive, pois seria imortal.

Esta interpretação filosófica do que Platão estabelece com a morte de Sócrates, nos leva a um campo robusto, especialmente pelo fato de apontar para a imortalidade da alma em relação à sobrevivência imaterial das empresas de um sujeito, isto é, suas memórias, suas realizações, seus feitos, etc. De certo modo, essa perspectiva também é identificada nas *Reflexões* de Matias Aires. O filósofo paulista, em sua proposta de traçar um perfil do homem moderno e da natureza de suas ações, encontra no desejo de reconhecimento individual a finalidade última que baseia o comportamento do homem em sociedade, que para ele é inerente ao homem. Para Matias Aires, o motor das ações humanas será esse desejo de reconhecimento: a própria vaidade (Cf. Valinhas, 2008, p. 95). Dessa forma, movidos pela vaidade, a ideia sustentada é que os homens constroem para si a ilusão de “imortalidade” através do desejo de perpetuação de si na memória de outros homens.

Por outro lado, das entrelinhas dessa questão emerge outra, que é o indivíduo em sua existência social mantendo sua relação com a morte numa percepção singular: tanto pelo fato de que em cada tempo e em cada lugar a relação social com a morte se transformou, quanto pelas antecipações próprias do indivíduo em suas relações sociais acerca da própria morte.

Vale lembrar, com o auxílio das elucidações do sociólogo Norbert Elias, que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos, de tal forma que ela é anterior ao indivíduo no sentido que é nas relações de uma pessoa com outras que esta é capaz de identificar um “eu” em si mesma. Porém, não quer dizer que o indivíduo é puramente modelado pela sociedade, mas antes o contrário, na medida em que aquilo que é mais particular, mais profundo, aquilo que é capaz de singularizar o indivíduo não é totalmente diluído pela sociedade, garantindo assim a possibilidade de um *eu* entre o *nós*. Este *eu*, contudo, não se afigura como o *eu* cartesiano do “penso, logo, existo”, que é uma substância puramente psíquica. O que se entende como um *eu* aqui é um *eu* encarnado, dotado de carne/corpo, um ente perecível, que morre, que se compõem tanto entre as relações sociais, quanto nos conflitos psíquicos mediante as vontades do corpo que são reprimidas de todas as formas pela existência social. Isso quer dizer que o indivíduo não é totalmente individual, nem totalmente social e, mesmo dentro de um grupo familiar, por exemplo, as relações conferidas a duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte (Cf. Elias, 1994).

A importância de ressaltar este ponto é fundamental para se entender as questões que emergem ao se tratar da imortalidade da alma como a perpetuação das ações individuais através das memórias de outros. Se a relação individual é disposta em consonância com a sociedade, de tal maneira que a própria percepção do *eu* emana do *nós*, há que se pensar então que as antecipações e expectativas individuais para a “superação” da morte são um fator social que a vaidade alimenta. É a vaidade, que sempre quer atrair a atenção dos outros, que não aceita a morte do corpo, fazendo da memória coletiva aquilo que a sociedade terá do indivíduo. E essa mesma vaidade individual é uma emanção das relações sociais, pois a perpetuação de um nome depois da morte exige dos outros a ação e o reconhecimento. Algo que se pode dizer como inter-relacional.

Importa, portanto, pensar que o argumento até agora se estabeleceu em dois pontos fundamentais:

- I. Que há a morte do sujeito histórico, mas que ao mesmo tempo há a “imortalidade da sua alma” através da perpetuação de suas ações, de suas memórias, de suas empresas, etc. Imortalidade que em uns duram mais e em outros menos, de acordo com a grandeza da vaidade;
- II. Que a relação singular estabelecida pelo sujeito histórico com a antecipação da própria morte é voltada para uma autopercepção existencial, onde a vaidade de se perpetuar diante da sociedade mesmo após a morte é uma emanção da rede de relações sociais que a própria vaidade alimenta.

Essa, portanto, é uma construção argumentativa que visa elucidar a abordagem proposta por Matias Aires, ao refletir acerca da morte sob o ângulo da vaidade. É certo, como dito antes, que os textos utilizados aqui não influenciaram o luso-brasileiro do século XVIII, que tinha suas próprias gravitações intelectuais, como os moralistas franceses do século XVII (Cf. Amoroso Lima, 1952, p 9-20). Mas o que se pretendeu aqui foi trazer, de forma analítica, à luz o argumento no interior do texto, usando, para tanto, uma calibragem específica de autores que trabalharam de forma semelhante as questões que se apresentaram-nos, para assim entendermos com mais clareza e trazê-lo para o nosso juízo.

A vaidade na reflexão sobre a morte

Matias Aires, nas suas *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, começa com a frase de um livro do Antigo Testamento, o Eclesiastes (1;2), com a citação em latim, dizendo: *VANITAS VANITATUM, ET OMNIA VANITAS*¹. Seguindo esse ponto axiomático, o filósofo luso-brasileiro tece sua obra de tal forma que todo e qualquer fundamento das ações humanas no tempo é definido por essa paixão da alma². A vaidade é o motor de toda ação humana. Até mesmo uma ação virtuosa está submetida à vaidade, estando, no fundo, em busca de reconhecimento alheio. Alguém que faz uma caridade, por exemplo, se envaidece julgando a si pela suposta boa ação, vindo até mesmo a se auto-intitular uma pessoa caridosa.

O fato é que a presença da vaidade na antropologia moral de Matias Aires é tão significativa que logo no primeiro parágrafo ele já vem a afirmar que a vaidade dura mais do que a própria vida, pois sobrevive ainda na morte. A vaidade não encontra limites na morte, porque dura mais do que nós mesmos e se introduz nos aparatos últimos da morte.

Há pessoas – ou a grande maioria das pessoas – que planejam o próprio ritual fúnebre, não por precaução, mas movidos pela vaidade. Imaginam seu dia fatídico, se perguntando se todos os seus amigos e parentes estarão lá; imaginam quais as possíveis homenagens que eles farão; se perguntam o que irão falar, quais as memórias, quais os momentos especiais (ou não) que irão se lembrar; quais os discursos que eles irão proferir. Alguns ainda sonham acordados em ter seus nomes nas praças, ruas ou instituições das cidades, como reconhecimento público *post mortem*; outros até sonham em ter seus retratos nas paredes de um museu, ou em deixarem obras que consagrarão seu nome por séculos e séculos.

A historiadora Mannuella Luz de Oliveira Valinhas, estudiosa de Matias Aires, argumenta que

Dessa forma, o homem teria a ilusão de que a morte não o aniquilaria, conquanto vivesse através da memória dos outros homens. Mas, se alguns atos podem fazer com que a lembrança de um homem dure ainda depois de sua morte, tal lembrança fatalmente se extinguirá; pode durar mais no tempo, mas fatalmente estará também sujeita à aniquilação (Valinhas, 2008, p. 101).

A verdade é que o assombro causado pela presença inevitável da morte aterroriza os indivíduos, ao julgarem que ali acabarão seus feitos junto com seu corpo. É pela vaidade que surge o desejo de se manterem “vivos”. Assim, as pessoas promovem ações que perpetuarão suas vidas após a morte. A vaidade se ocupa em preencher o vazio deixado pela percepção reflexiva da própria morte.

Nota-se que a vaidade, sendo uma paixão da alma, se ocupa da imaginação, maquinando sobre a dor da futura inexistência e operando para que essa carga de decomposição do *eu* seja substituída pelas lembranças do que virá a não ser mais.

Com efeito, o fato último da morte não basta para a vaidade. É preciso mais do que os últimos suspiros. A vaidade move os homens para se ocuparem com a atenção que os outros darão ao corpo já defunto. Entre esses pensamentos, pode se dizer que a dor maior do que a do próprio fim da vida talvez seja pensar no seu próprio velório vazio, sem pessoas chorando as suas memórias do passado, sem homenagens; é se

¹ Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.

² Ao contrário de muitas tradições de pensamento, especialmente as religiosas, Matias Aires defende que a vaidade é uma paixão da alma e não do corpo (Aires, 2008, §§ 2, 10, 14, 32). Essa distinção é relevante, porque não se limita apenas à ditadura da aparência, estando ligada ao entendimento.

imaginar como um indigente; é se imaginar sozinho, sem entes queridos, sem o amor de um lar, sem afetos, sem memórias, sem aplausos, sem glórias e, talvez o pior, é imaginar-se “mortal” – não apenas corporalmente, mas imaginar a mortalidade da “alma”.

A vaidade tanto nos engana que esconde de nós a nossa própria natureza, fazendo crer o que não somos. A vaidade nos faz querer ultrapassar a própria morte com memórias que sobreviveram no mundo. Um grande exemplo disso são os cemitérios e as construções fúnebres. Há pessoas que arquitetam seus mausoléus, desenham suas glórias nos mármore e buscam inspiração profunda para escrever seu epitáfio. Nas palavras de Matias Aires:

No silêncio de uma urna depositam os homens as suas memórias, para com a fé dos mármore fazerem seus nomes imortais; querem que a suntuosidade do túmulo sirva de inspirar veneração, como se fossem relíquias as suas cinzas... Que frívolo cuidado! ...A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o mesmo pobre horror da sepultura (Aires, 2008, p. 29).

Uma das questões que aqui se mostra estabelece relação diferenciada com o tempo, isto é, o indivíduo de alguma maneira se prende a um eterno presente em que apenas sobrevive a sua vaidade, ignorando o fenômeno real da morte em suas representações mentais. Mas a verdade é que após a morte não é mais o sujeito que está ali, obviamente, mas a sua aparência, a sombra de si, engessada nas estátuas, nos epitáfios, nas biografias, nos retratos, nos nomes e nas histórias que os outros contam. E por mais que se saiba que o tempo é capaz de mudar todas as formas de acessar e rever o passado, a vaidade ainda insiste em congelar ilusoriamente a imagem do *eu*, ignorando a voracidade do tempo que tudo deita em ruínas. “A vaidade tira da morte o semblante pálido e horroroso, e só a deixa ornada de plamas e troféus” (Aires, 2008, p. 60).

Conquanto, por mais que a vaidade mova as ações individuais, ela não teria sentido fora de uma organização social, pois a vaidade é sempre a aparência para o outro – mesmo que o outro seja um *eu* que se esconde de si mesmo. Logo, a presença da vaidade nas representações acerca da morte é uma forma de tornar visível ao outro o que já não é mais. A vaidade opera de tal modo que seu objetivo maior é inserir o indivíduo no plano exclusivo de uma consciência social, uma vez que o *eu* de carne e osso – o indivíduo em corrupção no tempo e no espaço – já não existe mais. O intuito final da vaidade é fazer com que o *eu* ultrapasse completamente o plano físico e repouse sobre o plano imaterial do mundo. Valer dizer que nem mesmo os esforços materiais como os túmulos, as estátuas, os epitáfios, as obras, as empresas ou os nomes, não são suficientes para a vaidade (mesmo que a vaidade também motive isso), uma vez que tudo se dissipará com o tempo. O fato, portanto, é que o maior esforço da vaidade é fazer imortalizar a memória individual através da memória coletiva, independente das transformações e dos interesses que surgem e se desfazem com o tempo. O desejo que a vaidade motiva nos homens é ser mais um Aquiles, mais um Ulisses, mais um Júlio Cezar, mais um Napoleão, mais um Tiradentes, mais um D. Pedro, enfim: mais uma figura que paira sobre a imaginação de todos, mesmo que a maioria não saiba de fato quem foi este ou aquele sujeito na História.

A historiografia e as disputas pela escrita da história, de certa maneira, nos revelam isto. O historiador muitas vezes é requisitado a comparecer em um acerto de contas com o tribunal na História. E, na verdade, o ofício do historiador não se trata da objetividade positiva dos fatos, mas das inclinações de quem escreve, dos destaques que se prefere dar sobre o passado, das análises subjetivas presentes nas narrativas: nisso

repousa a vaidade dos homens, pois é aí que ela busca a “imortalidade” tendenciosa dos indivíduos, pois depende do discurso (Cf. Aires, 2008, p.33).

Como argumenta a historiadora Mannuella Luz de Oliveira Valinhas (2008, pp. 101-103), a perspectiva de Matias Aires é que os historiadores também se tornam reféns da vaidade, pois a história dos historiadores não trata da “verdade dos fatos em si”, uma vez que dependeria de uma visão completa dos acontecimentos e de uma isenção do historiador para ser verdadeira. A ideia é que Matias Aires observava que nas obras dos historiadores não há uma concordância entre si sobre a veracidade dos fatos narrados. Ainda verifica que as inclinações pessoais dos historiadores interferem na sua narrativa: um jurista tende a privilegiar os temas jurídicos, enquanto um político tenderia a discutir ideias políticas, um economista os sistemas do mercado, por exemplo. Essa é uma crítica contundente, uma vez que não se pode haver certeza nas narrativas contadas pelos historiadores, a não ser aquela que a história não deixa de ter uma função: a de ser a base da diferenciação dos homens na sociedade.

Ora, a História é a linguagem humana que ilustra as glórias dos homens, e sem ela não há vaidades. A vaidade depende da operação da linguagem até mesmo enquanto alguém desenha as próprias vaidades no silêncio de si, pois ali também se utiliza da linguagem, uma vez que não há pensamento sem ela. Por isso, na escrita da história repousa a vaidade soberana. Os homens do passado ultrapassam o limiar da morte através da narrativa historiográfica e vêm à luz do mundo para ocupar as memórias da sociedade. É esse o ponto alto que busca a vaidade dos homens: destacarem-se dos demais através dos tempos, por meio dos discursos e narrativas, para não se tornarem invisíveis após a morte; serem objeto do ofício dos historiadores e ocuparem a consciência, o imaginário e a memória das sociedades, imortalizando a “alma” dos indivíduos.

A efemeridade da vaidade diante da morte e do tempo

Até aqui, já podemos perceber que nas *Reflexões* de Matias Aires a sensibilidade em relação à finitude e à temporalidade é um traço³ fundamental da sua antropovisão. Inclusive, esse aspecto na sua filosofia é fundamental para nós neste artigo, de tal maneira que mostra o seu lugar de observação acerca da morte. Para Matias Aires, a vida é sinônimo de movimento, de tal modo que o contrário é sinônimo de morte. E ao destacar em várias passagens importantes (Cf. Aires, 2008, §§ 2, 74, 131) a sua sensibilidade filosófica, um tanto existencial, em relação à finitude e à temporalidade, ele nos leva a perceber que seu olhar não tem nada de religioso, isto é, não pensa a morte seguida de uma vida após. A existência humana, para o filósofo, é a parte do movimento no tempo que se inicia com o nascimento e termina com a morte. As repercussões, consequências e continuações de uma vida individual são radicalmente precárias, denotando a efemeridade da existência.

Por outro lado, em contraste a tal perspectiva individual, estão as repercussões, consequências e continuações do ponto de vista da sociedade. Quando Matias Aires descreve as virtudes, por exemplo, ele considera que elas também são movidas pela vaidade, mas sustenta aí uma dialogia, a saber: do ponto de vista do indivíduo, as virtudes fazem parte da precariedade humana; do ponto de vista da sociedade, as virtudes são um benefício, por mais que continuem sendo movidas pela vaidade. É aí, portanto, que Matias Aires vem a afirmar que se “... é certo que a vaidade é vício,

³ O professor e pesquisador português António Pedro Mesquita destaca os 4 grandes traços da antropovisão de Matias Aires, a saber: 1) A precariedade radical do homem/efemeridade da existência; 2) A sensibilidade em relação à finitude e à temporalidade; 3) O ceticismo antropológico; e 4) A perversidade natural do homem (Mesquita, 1998, p. 29-43).

parece difícil o haver virtude que proceda dele; porém não é difícil, quando ponderamos, que há efeitos contrários às suas causas” (Aires, 2008, p. 32). Concluindo à frente que

Os homens mais vaidosos são mais próprios para a sociedade: aqueles que por temperamento, por razão, ou por virtude se fazem menos sensíveis aos impulsos da vaidade são os que pela sua parte contribuem menos na comunicação dos homens: ocupados em uma vida mole, isenta, e sem ação, só buscam no descanso a fortuna sólida, e desprezam as imagens de que se compõe a vaidade da vida civil (Aires, 2008, p. 38).

De fato, a vaidade introduz a virtude no mundo através da conversão em socialmente útil o que seria naturalmente mau, como aponta Mesquita (1998, p.79). Isso nos faz notar que o movimento natural compreende a brevidade individual e sua efemeridade, ao passo que faz emanar os processos coletivos e seus supostos benefícios.

Nesse aspecto destacado, o olhar de Matias Aires para o tema da morte é lançado do ponto de vista do indivíduo, quanto ressalta a finitude existencial e o poder destruidor do tempo, até mesmo quando reflete sobre o valor das ações humanas, que são ilusórias e vãs, pois emergem da vaidade e também a ela alimenta. Contudo, ele reconhece de fato os progressos sociais, afinal é um homem do século XVIII, mas o seu ceticismo antropológico demarca o predomínio universal do vício, ignorando o pós-morte - natural ou sobrenatural, - mesmo quando travestido com as cores da virtude (Cf. Aires, 2008, §§ 8, 63, 68, 77, 125, 133).

A questão é que a percepção da transitoriedade humana no tempo, segundo Matias Aires, nos prostra diante da morte, que tudo arrasta e tudo leva. Todo anseio por memórias, todo querer ser “imortal”, toda vontade de superar a morte e gravar o nome nas lápides da história não são mais do que empresas da vaidade para preencher o vazio da existência. Deste modo, Matias Aires escreve com seu pessimismo marcante:

Acabam os heróis, e também acabam as memórias das suas ações; aniquilam-se os bronzes, em que se gravam os combates; corrompem-se os mármore, em que se esculpem os triunfos: e apesar dos milagres da estampa, também se desvanecem as candeias da prosa, em que se descrevem as empresas, e se dissipam as harmonias do verso, em que se depositam as vitórias: tudo cede à voracidade cruel do tempo. Acabam-se as tradições muito antes que acabe o mundo; porque a ordem dos sucessos não si inclui na fábrica do Universo... Os monumentos que fazem da história a melhor parte e a mais visível, não só se estragam, mas desaparecem, e de tal sorte, que nem vestígios deixam por onde ao menos lhes recordemos as ruínas (Aires, 2008, p. 40).

Observa-se que o ponto axial desta questão está na tese da antropologia matiana que atesta sobre a separação entre a ordem da natureza e a ordem da história, constituindo uma das mais distintivas e constantes máscaras da vaidade (Cf. Aires, 2008, §§ 9, 42, 45, 46, 55-59, 62). Essa separação, como distingue Mesquita (1998, 32), é a indicação de que as ações humanas no tempo, isto é, a História ou a transformação histórica da sociedade, não se inclui na fábrica do Universo, mediante a absoluta precariedade do mundo, da história e do homem. O homem inserido na sociedade histórica, portanto, encara o mundo como um grande teatro onde todos querem representar nele o melhor papel. Não há escapatória para o homem, a vaidade lhe persegue em sua vida como a própria sombra:

...fomos Narcisos logo no berço: a nossa imagem apenas acabada de formar, logo nos atrai [...]; e desta sorte vamos passando sucessivamente a vida, entretidos em um labirinto de vaidades, até que chegamos à vaidade dos velhos: vaidade discursiva, prudencial, histórica, e muitas vezes imbecil (Aires, 2008, p. 54).

A metáfora humana da vivência do tempo e da transitoriedade do real é uma experiência dos limites constitutivos da existência temporal, nos quais se antecipa e se resume a própria morte. Narciso, o personagem da mitologia grega, representa um forte símbolo da vaidade, uma vez que seu excessivo amor-próprio com sua imagem refletida na água o leva a definhando até a morte, encantado pela sobrevalorização do *eu*. A tônica da questão, em todo caso, é colocada entre a morte e a experiência do tempo. Antônio Pedro Mesquita (1998, p. 33-35) também nos indica que essa relação comporta manifestadamente três dimensões:

- I. Que a morte é simplesmente associada à condição da temporalidade: muito mais do que um fenômeno biológico pontual. A morte não é aqui o instante do morrer, mas o seu demorado viver com antecedência, viver que por isso mesmo não é apenas *no* tempo, mas *do* tempo. Numa palavra, a temporalidade confunde-se aqui com a dimensão do prazo de vida e a morte não é senão a experiência subjetiva do seu contínuo avizinhar-se (Mesquita, 1998, p.33).
- II. Que tempo e morte identificam-se: visto que a morte só consiste na circunstância do tempo. E, na verdade, enquanto ela efetivamente não chega, a morte não é senão pura antecipação, isto é, pura experiência do tempo. Na realidade, o que propriamente se vive nessa antecipação da morte não é sequer o momento da morte: é a destinação para a morte de cada momento e da própria vida no seu todo (Mesquita, 1998, p. 34).
- III. Que a morte constitui a própria espessura do tempo. A intervenção da consciência da morte faz experimentar-se subjetivamente como finitude ou constitutivamente objetivar-se como contínua extinção. Não se trata já da mera experiência subjetiva do tempo como prazo, nem tampouco da sua objetivação como destino para um sujeito: trata-se da radical e completa subjetivação do tempo, como “mal e castigo, dor e agonia” (Mesquita, 1998, p.35).

Essas três dimensões (morte associada à temporalidade; morte como antecipação; e morte como a espessura sensível do tempo), com efeito, estabelece de forma pontual a relação existente entre morte e temporalidade na antropologia moral de Matias Aires. Além disso, destacam a sua visão secular, engendrada num ceticismo antropológico que denota a fugacidade da existência humana no mundo. A morte, assim, é um fato dado, sempre esperado, irremediável e que consiste na pura corrupção temporal humana, encarada de forma trágica e dolorosa.

É preciso dizer ainda, para concluir, que é nessa relação que se encontra o nosso ponto final, mostrando a efemeridade da vaidade. A morte e o tempo transformam as experiências vaidosas dos homens em pó. Não há memória, ação, legado ou história que sobreviva eternamente: tudo é levado pelas águas do tempo e sepultado no silêncio da morte na noite dos tempos. Pensem o que foi feito dos faraós e suas pirâmides, dos heróis, seus escudos e espadas, dos reis e seus castelos. As narrativas dos homens os eternizaram e trouxeram evidências para seus feitos, mas não há garantia alguma de que no torvelinho do tempo as narrativas não perderam seus verdadeiros feitos, pintando apenas uma breve sombra ou galvanizando os interesses particulares dos narradores, pois, como vimos anteriormente, a escrita da história também está sujeita à vaidade. Mas é preciso entender que os homens lutam para imortalizar seus nomes nos mármore

do tempo, crendo que as honras serão eternas; contudo, as candeias que iluminam as prosas de seus feitos mais cedo ou mais tarde se apagarão e seus nomes passarão a ser apenas objetos da especulação dos homens. Mas, de tempos em tempos, mudam as especulações dos homens, pois seus interesses estão sujeitos às manobras da sociedade. Assim, as vaidades dos homens passam a não ter raízes e ficam divagando à mercê dos interesses humanos, que hora ou outra as recupera.

Conclusão

A reflexão que aqui vimos nos levou a pensar acerca das máscaras esculpidas pela vaidade para cobrir a decomposição natural dos homens. A morte é um obstáculo que a vaidade quer superar. A vaidade crê que os nomes trazidos pelas histórias, em disputas especulativas, assinam com caneta dourada as glórias dos nomes e coroam de louros os mortos. As grandes ações buscam os aplausos e a lisonja que a vaidade os antecipa; e se não as recebem, a própria vaidade não tarda em abrir feridas incuráveis na alma.

Nota-se que o tempo é posto como uma espécie de lugar onde a vaidade quer se prender, desligada da eternidade para além da vida, mas fielmente apegada à imortalidade através das gerações e narrativas preferidas ao bel prazer dos homens. A historicidade humana é o ponto de referência da vaidade e nele ela quer permanecer. A morte é vista como o avizinhar-se para a glória imortal, conquistada pelo legado manifesto através da linguagem dos homens.

Com efeito, é o mesmo tempo, a qual se apegava a vaidade ilusoriamente, que não deixa pedra sobre pedra no ocaso das civilizações. Todos os nomes são levados pelos ventos do tempo e apagados na noite dos povos, que a história insiste em capturar, mas sempre no presente que destoa e desfigura o passado. Diante do fenômeno da morte, percebemos que a vaidade dos homens, que outrora os fez crer mais do que são, enganando-os da pequenez humana em face à imensidão, não encontra apoio sólido nas nervuras do tempo, ao passo que as sociedades se transformam e por vezes esse movimento rompe radicalmente com a estrutura que noutros tempos pareciam inarredáveis. Por isso, diz Matias Aires (2008, p. 40-41): é loucura sacrificar a vida por eternizar o nome. Tudo no mundo são sombras que passam; as que são maiores e mais agigantadas, duram mais horas, mas também um dia se extinguirão.

Para concluir, vale a pena finalizar com o trecho do livro do Eclesiastes, que diz: “quando avaliei tudo o que as minhas mãos haviam feito e o trabalho que eu tanto me esforçara para realizar, percebi que tudo foi inútil, foi correr atrás do vento; não há nenhum proveito no que se faz debaixo do sol” (Ecl, 2. 10-11). Ora, tudo é vaidade e tudo será um dia levado pela morte e pelo tempo para o abismo, não restando pedra sobre pedra.

Referências

AIRES, Mathias. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*. Rio de Janeiro: Editora Escala, 2008.

AMOROSO LIMA, Alceu. Introdução (p. 9-20). In: AIRES, Matias. *Reflexões sobre a Vaidade dos homens: ou Discursos Morais sobre os efeitos da Vaidade oferecidos a El-Rei Nosso Senhor D. José I*. São Paulo: Livraria Martins, 1952.

ANDRADE, Rachel Gazolla de. O “realismo” platônico: uma resposta possível no Fédon ou sobre a imortalidade da alma. *Letras Clássicas*, n.2, p. 127-140, 1998.

Eclesiastes. In: *Bíblia Sagrada*: Edição Pastoral (p. 859-869). São Paulo: Editora Paulus, 1991.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

ENNES, Ernesto. *Dois Paulistas Insignes: José Ramos da Silva e Matias Aires Ramos da Silva de Eça (contribuições para o estudo crítico da sua obra) (1705-1763)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Parte II. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

MESQUITA, António Pedro. *Homem, sociedade e comunidade política: O Pensamento Filosófico de Matias Aires (1705-1763)*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

PLATÃO. *Fédon*. Coimbra: Livraria Minerva, 1988.

REAL, Miguel. *Matias Aires: As Máscaras da Vaidade*. Lisboa: Sete Caminhos, 2008.

VALINHAS, Mannuella Luz de Oliveira. História, movimento e equilíbrio nas “Reflexões sobre a vaidade dos homens”, de Matias Aires. *Revista do Centro de Estudos Portugueses da UFMG*, v. 26, n. 40, p. 95-112, dez. 2008.